



A emergência do conceito de “espiritualidade não religiosa”: contribuições de obras de referência terminológica

Digital technologies and atheism in Brazil: the protagonism of social networks

André Augusto Diniz Lira*
Júlio César Adam**

Resumo: Este artigo analisa a emergência da noção e do conceito de espiritualidade não religiosa em obras de caráter terminológico, no âmbito da teologia e das ciências das religiões. Para tanto, considera o conceito geral de espiritualidade e específico de espiritualidade não religiosa, em obras de referência técnicas como dicionários, compêndios, léxicos, enciclopédias, produzidos desde a década de 1980. Em linhas gerais, seguiu-se os passos de Gil (1995) a respeito de uma pesquisa bibliográfica como vários tipos de leituras: exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. A leitura seletiva foi realizada em duas etapas. Na leitura exploratória inicial, encontramos 35 obras de referência terminológica, mas apenas 7 satisfizeram os critérios de inclusão e exclusão da amostra. Nas obras de teologia analisadas, foram preponderantes os aspectos normativos, de crescimento na vida de piedade pessoal e comunitária, a partir da perspectiva cristã. Nas obras de ciências da religião, prepondera a leitura do fenômeno pelo viés do não religioso, tendo por base as disciplinas de psicologia, de sociologia e de história da religião. Em todos os dicionários analisados, observou-se um viés positivo da espiritualidade que se atém ao transcendente, ainda que este seja uma metáfora de Deus, de uma divindade ou mesmo da superação do si mesmo para uma dimensão mais ampla da vida.

Palavras-chave: Espiritualidade, espiritualidade não religiosa, obras de referência, conceitos.

Abstract: This article analyzes the emergence of the notion and concept of non-religious spirituality in works of a terminological nature, within the scope of theology and the sciences of religions. To do so, it considers the general concept of spirituality and the specific concept of non-religious spirituality, in technical reference works such as dictionaries, compendia, lexicons, encyclopedias, produced since the 1980s. In general terms, the steps of Gil (1995) were followed, regarding a bibliographical research as several types of readings: exploratory, selective, analytical and interpretive. The selective reading was performed in two steps. In the initial exploratory reading, we found 35 terminological reference works, but only 7 met the inclusion and exclusion criteria of the sample. In the works of theology analyzed, the normative aspects, of growth in the life of personal and community piety, from the Christian perspective, prevailed. In the works of religious studies, the reading of the phenomenon from the non-religious point of view prevails, based on the disciplines of psychology, sociology and history of religion. In all analyzed dictionaries, there was a positive bias of spirituality that sticks to the transcendent, even if this is a metaphor of God, of a deity or even of overcoming oneself towards a broader dimension of life.

Keywords: Spirituality, non-religious spirituality, reference works, concepts.

* Professor do PPG em Educação da UFCG (Campina Grande-PB). ORCID: 0000-0001-9398-507X
– contato: andreaugustoufcg@gmail.com

** Professor adjunto de Teologia Prática na EST (São Leopoldo-RS). ORCID: 0000-0002-8346-1093
– contato: julio3@est.edu.br

Introdução

A emergência de um determinado conceito em um campo social [literário, filosófico, religioso, científico, artístico entre outros] advém de um longo processo histórico, no qual agentes e instituições disputam pelas interpretações consideradas legítimas (Bourdieu, 1998; 2004). Um conceito pode, inclusive, ser proveniente de uma palavra de uso cotidiano, que foi se diferenciando e se tornando mais elaborada, em uma área do conhecimento. A contribuição de Koselleck (1992) foi mostrar que nem toda palavra pode ser compreendida como um conceito acadêmico. Nessa mesma linha de entendimento, Barros (2016) sinalizou que um conceito serviria para desempenhar cinco funções cruciais na produção do conhecimento: comunicar, generalizar, comparar, problematizar e aprofundar.

Ao lidar com os conceitos, devemos atentar para que sua utilização não é transparente nem pacífica. Alguns, inclusive, são mais polissêmicos que outros, entrecruzando várias disciplinas do saber e ainda são produtos de disputas interpretativas intermináveis tanto no mundo acadêmico quanto na sociedade.

O conceito de espiritualidade é um desses conceitos que se reveste de dificuldades especiais por integrar-se, de longa data, às práticas religiosas e por ser utilizado, mais recentemente, em atividades de caráter não religioso nas áreas da saúde, da educação e até no meio empresarial. Por um lado, como destacou Pondé (2018), seria um anacronismo retroceder ao mundo antigo e dele pinçar o conceito de espiritualidade, mas, segundo o autor, não se atendo ao termo especificamente, as práticas de espiritualidade e a noção subjacente podem ser encontradas desde tempos remotos. Pierre Hadot (2003, 2009) é um autor fundamental nesse resgate histórico, desde a Antiguidade, e no diálogo com a filosofia prática. Por outro lado, a discussão sobre a espiritualidade não religiosa vem ocupando progressivamente o cenário social e acadêmico nas últimas décadas. Um outro termo utilizado para adjetivá-la é espiritualidade laica (Torralba, 2013; Ritz, Ecco; Clodovil, 2022).

De um ponto de vista amplo, a utilização nos trabalhos científicos do termo espiritualidade não religiosa pode incluir, literalmente, tudo o que não for religioso, tendo por base investigações nas mais diversas áreas, em um largo espectro. Essa caracterização advém de uma possibilidade que historicamente foi se construindo de um entendimento ampliado do conceito de espiritualidade e das práticas profissionais vinculadas, na demarcação de um lugar para o não religioso. Nesse sentido, convergem várias publicações individuais e coletivas como as coletâneas e os dossiês de periódicos que, apesar das nítidas diferenças teóricas e das distintas abordagens da temática, sinalizam no direcionamento de um conceito alargado de espiritualidade, no qual se inclui o não religioso (Pessini, 2010; Angerami-Camon, 2004; Amatuzzi, 2005; Senra et al. 2022; Baptista, 2014).

De um ponto de vista mais restrito, o termo espiritualidade não religiosa, de acordo com Senra, deveria caracterizar o rompimento de vínculos religiosos anteriores, no caso “[...] para com a lógica de submissão às doutrinas, ao aparato sacerdotal ou correspondente, à vida comunitária e à sua organização burocrático-institucional” (SENRA, 2020). Nessa perspectiva, tem se discutido o que estatisticamente, no censo

demográfico, é caracterizado como o grupo dos sem religião, que pode englobar desde os espiritualistas até os ateus. Para esse autor, como veremos adiante, o termo espiritualidade, em si, já apontaria para a diversidade de práticas religiosas e não religiosas.

Neste trabalho, consideramos a discussão tecida, no âmbito da teologia e das ciências das religiões, crucial para um melhor entendimento da emergência da noção e do conceito de espiritualidade não religiosa. A fim de acompanhar essa emergência nessas áreas, analisamos tanto o conceito geral de espiritualidade para verificar se ele estaria abarcando progressivamente na sua evolução a noção do não religioso, quanto o conceito de espiritualidade não religiosa, em obras de referência técnicas como dicionários, compêndios, léxicos, enciclopédias.

As obras de caráter terminológico são fundamentais para se conhecer a legitimação de um conceito no campo acadêmico quer seja em vias de emergência quer seja aqueles já consolidados, podendo abarcar uma área, uma disciplina, um tema ou mesmo se construir por meio de um determinado direcionamento de um assunto. Essas obras tanto sintetizam uma área de estudos por meio dos seus verbetes principais quanto possibilitam enxergar a amplitude de um determinado conceito, tendo em vista a produção do conhecimento em movimento e as principais linhas interpretativas na história.

A produção do conhecimento em teologia e nas ciências das religiões tem sido progressiva, sobretudo, nas últimas décadas, com o desenvolvimento dos programas de pós-graduação nestas áreas no Brasil. Apesar de participarem de diferentes regimes discursivos e práticas, há, também, interpenetrações e diálogos constantes desses mundos, como também muitos embates. Nosso intuito também é considerar as diferentes perspectivas traçadas nessas áreas.

A pesquisa

Para a realização deste trabalho, foi desenvolvida uma pesquisa bibliográfica em obras de referência nas áreas de teologia e de ciências das religiões, uma vez que são elas as que têm mais implicação direta com o conceito de espiritualidade. Para composição do corpus definitivo, foram realizadas buscas por meio de recursos eletrônicos e visitas à Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, que é a instituição que recebe, no Brasil, todos os materiais publicados nacionalmente. Além desses recursos, muito dos materiais utilizados para a análise provieram dos acervos pessoais dos autores, que têm se dedicado ao tema e aos estudos de caráter terminológico na pesquisa em ciências humanas.

Em linhas gerais, seguimos os passos de Gil (1995) a respeito de uma pesquisa bibliográfica como vários tipos de leituras: exploratória, seletiva, analítica e interpretativa. A leitura seletiva foi realizada em duas etapas. Na leitura exploratória inicial, encontramos 35 obras de referência terminológica. Como critérios de inclusão no corpus, consideramos: a) a presença do termo “espiritualidade” nas obras de referência como dicionários, enciclopédias, compêndios e vocabulários produzidos em teologia ou em ciências das religiões; b) a publicação elegível deveria ter o copyright na língua original, a partir da década de 1980. Como critérios de exclusão, eliminamos: a) os dicionários bíblicos, posto que a palavra espiritualidade não aparece no texto bíblico,

e, por decorrência, não ocorre também neste tipo de obra; b) obras produzidas antes da década de 1980.

Após uma primeira busca pelo termo espiritualidade ou termo correlato direto, que podia ser apresentado pela obra (ex., “vida espiritual”), foram encontradas 23 que o apresentavam explicitamente como um verbete ou expressão aproximada. A partir de uma segunda etapa de leitura seletiva dos textos integrais dos verbetes, encontramos 7 obras que apresentaram um conceito mais abrangente de espiritualidade, aludindo à possibilidade de uma espiritualidade sem religião. A partir dessas obras, realizamos as leituras analíticas e interpretativas.

Quadro 1: Obras terminológicas que compuseram a 1ª e 2ª seleções da amostra.

Seq.	Organizadores/Autores	Título	Copyright	Publicação Analisada	Editora
1	Walter A. Elweell	Enciclopédia Histórico-teológica Cristã	1984	2009	Vida Nova
2	Millard J. Erickson	Dicionário Popular de Teologia	1986	2011	Mundo Cristão
3	Angel Aparício Rodrigues; Juan Canal Casas	Dicionário Teológico da Vida Consagrada	1989	1994	Paulus
4	Ermanno Ancilli	Dicionário de Espiritualidade (v. 2)	1990	2012	Paulinas e Loyola
5	Elisabete Gosmann	Dicionário de Teologia Feminista	1991	1997	Vozes
6	Luciano Pacomio	Lexicon – Dicionário Teológico Enciclopédico	1993	2003	Loyola
7	Gerald F. Hawthorne, Ralph P. Martin, Daniel G. Reid	Dicionário de Paulo e suas cartas	1993	2008	Vida Nova, Paulus, Loyola
8	Cassiano Floristán Samanes; Juan José Tamayo-Acosta	Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo	1993	1999	Paulus
9	Claudionor Corrêa de Andrade	Dicionário Teológico	1996	2022	CPAD
10	Juan Bosh Navarro	Dicionário de Ecumenismo	1998	2002	Santuário
11	L. Borrielo; M. R. del Genio; N. Suffi	Dicionário de Mística	1998	2003	Loyola
12	Jean-Yves Lacoste	Dicionário Crítico de Teologia	1998	2014	Loyola e Paulinas
13	Stranley J. Grenz; David Guteretzki; Cherity Fee Nordling	Dicionário de Teologia	1999	2013	Vida
14	Nicholas Lossky et al.	Dicionário do Movimento Ecumênico	2002	2005	Vozes
15	Juan José Tamayo	Novo Dicionário de Teologia*	2005	2009	Paulus
16	Philip Shelquadre	New SCM Dictionary of Christian Spirituality*	2005	2013	SCM Press
17	Israel de Araújo	Dicionário do Movimento Pentecostal	2007	2007	CPAD
18	Fernando Bortolletto Filho	Dicionário Brasileiro de Teologia	2008	2008	ASTE
19	William A. Dyrness; Veli-Matti Kärkkäinen	Dicionário global de teologia*	2008	2016	Hagnos
20	Glen G. Scorgie, Simon Chan, Gordon T. Smith, James D. Smith III	Dictionary of Christian Spirituality*	2011	2011	Zondervan
21	João Décio Passos; Fran Usarski	Compêndio de Ciência da Religião*	2013	2021	Paulinas e Paulus
22	Claúdio de Oliveira Ribeiro; Gilbraz Aragão; Robertley Panasiewicz	Dicionário do Pluralismo Religioso*	2020	2020	Recriar
23	Frank Usarski.; Alfredo Teixeira.; João Décio Passos	Dicionário de Ciência da Religião*	2022	2022	Loyola e Paulus

Fonte: elaboração dos autores (2023).

As obras com asterisco são as que contêm a noção ou o conceito de espiritualidade não religiosa.

Resultados

Obras de caráter teológico

Ao considerarmos os dicionários teológicos da amostra selecionada para a análise, observamos que, das 20 obras arroladas no quadro anterior, apenas 4 conceituam a espiritualidade de um modo mais amplo, não a articulando apenas à perspectiva cristã, fazendo isto em sua introdução ao tema. Desses dicionários, 3 foram escritos em língua inglesa, sendo dois publicados por editoras protestantes (Scorgie, 2011; Dyrness; Kärkkäinen, 2016) e um deles se autodefine como ecumênico (Shelquadre, 2013). Um outro dicionário teológico foi escrito originalmente em língua espanhola, tendo sido publicado por uma editora católica no Brasil (Tamayo, 2009). Este último traz apenas uma definição sobre espiritualidade; os outros, além disso, procuram especificar ou exemplificar melhor essa conceituação. Na parte mais substancial das exposições, essas obras evidenciam diferentes posicionamentos a partir do cristianismo.

Juan José Tamayo, o organizador do “Novo Dicionário de Teologia” ([2005], 2009), afirmou que este foi motivado por uma atualização do “Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo” (Samanes; Tamayo-Acosta, [1993], 1999) que ele tinha organizado juntamente com Cassiano Florestan Samanes. Para Tamayo (2009), essa nova obra considera uma série de temas tidos como revolucionários, tais como a globalização, a pobreza cultural, o feminismo, a consciência ecológica, o pluralismo cultural e religioso, a revolução bioética e biogenética, visando abarcar os vários temas pela bandeira da criatividade teológica na linha proposta por Karl Barth. O organizador também critica as abordagens dogmáticas da fé e propõe uma perspectiva mais centrada no símbolo para o estudo das religiões e da teologia. No prólogo, observa-se que esse dicionário se propõe a uma perspectiva contextual, não confessional, inclinada para o espírito crítico, mas se situa a partir da teologia cristã, em diálogo com a filosofia e a ciência.

Este não é um dicionário confessional e, menos ainda, apologético de nenhuma religião; tampouco um dicionário de definições intemporais de conceitos igualmente intemporais; menos ainda uma soma de pequenos tratados ou de resumos escolares de cada conceito. Trata-se de um dicionário crítico, científico, escrito a partir de uma perspectiva leiga e em regime de liberdade, pouco frequente no mundo teológico quase sempre controlado pelas instituições religiosas e a seu serviço. Sua pretensão é a de oferecer as linhas fundamentais da teologia cristã em uma perspectiva teológica e facilitar o acesso às novas contribuições da reflexão teológica e das disciplinas com ela relacionadas, em diálogo com a filosofia e a ciência, ou melhor, com as ciências (Tamayo, [2005], 2009).

O verbete “Espiritualidade”, no primeiro dicionário, publicado na década de 1990, é apresentado inicialmente como um dimensão constitutiva, individual e social do humano (Samanes; Tamayo, [1993], 1999), mas é no “Novo Dicionário Teológico” que se afirma explicitamente a possibilidade de uma espiritualidade que ultrapassaria

“o domínio cristão, inclusive o religioso”, como destacamos na citação: “Entendida como reflexão sobre o saber sapiencial religioso, sobre a experiência com o absoluto *ou* sobre os valores últimos e profundos que transcendem o ser humano, *a espiritualidade ultrapassa o domínio do cristão, inclusive o religioso*” (Floristán, 2009, p. 183, destaque em itálico nosso). Considerada uma condição inerente ao ser humano, é tida como o “substrato mais profundo do ser humano” (Floristán, 2009, p. 183, p. 183).

Apesar de, no prefácio, esse dicionário apontar para uma abordagem não confessional ou mesmo apologética de nenhuma das religiões, é evidente seu viés católico, inclusive são citados vários dos documentos da igreja católica para fundamentar as análises. Do ponto de vista da definição apresentada, o autor parte do reconhecimento de que a espiritualidade se caracterize a partir da reflexão sobre a experiência com o absoluto ou, no caso alternativamente, sobre os valores últimos. A ressalva “a espiritualidade ultrapassa o domínio do cristão, inclusive o religioso” reforça a ideia de uma alternativa de espiritualidade possível.

Os outros dicionários teológicos que tratam no conceito de espiritualidade da dimensão não religiosa, como já afirmamos, foram escritos em inglês. Scorgie (2011), editor do “*Dictionary of Christian Spirituality*”, a compreende como um conceito relativo à transcendência e que sofre mudanças ou transformações por meio dela, como algo bem amplo como o numinoso, o “Real” ou o que é de importância vital. Scorgie destaca a dimensão pessoal e coletiva do conceito e sublinha a sua dimensão experiencial e transformativa com efeitos benéficos: “Trata-se de estabelecer uma conexão transformadora com algo mais – uma conexão que moldará quem nos tornaremos e como viveremos”. (Scorgie, 2011, p. 27). Finalmente, destaca que, do ponto de vista da teologia espiritual, trata-se de um conceito prescritivo, construtivo e profético, mas do ponto de vista experiencial e histórico do fenômeno, deve ser entendido como um conceito descritivo e não avaliativo.

Shelquadre (2013), no *New SCM Dictionary of Christian Spirituality*, considera que, nas últimas décadas, tem se ampliado a noção de espiritualidade que envolveria não apenas as definições no âmbito religioso, mas abarcaria as dimensões seculares da espiritualidade. O conceito é apresentada nesses termos: “como experiência vivida pode ser definida como envolvimento consciente no projeto de integração da vida por meio da autotranscendência em direção ao valor último que se percebe” (Shelquadre, 2013, p. 32). Algumas ressalvas ampliam esse conceito e merecem a longa citação:

Primeiro, a espiritualidade não é uma doutrina ou simplesmente um conjunto de práticas, mas uma experiência contínua ou um projeto de vida. Em segundo lugar, seu objetivo final é a integração da vida. Assim, padrões negativos como alcoolismo ou consumismo (que podem se tornar o princípio organizador da vida de uma pessoa) não constituem uma espiritualidade. Em terceiro lugar, o processo de autotranscendência exclui uma autoabsorção narcísica, mesmo na própria perfeição. E quarto, todo o projeto é orientado para o valor final, seja ele o Transcendente, o florescimento da humanidade ou algum outro valor.

Como se pode observar, há nesse dicionário um cuidado maior em evitar uma postura restritiva vinculada a uma doutrina ou mesmo a um conjunto de práticas, pois se entende a espiritualidade como um projeto de vida contínuo e integrado a valores, seja

o transcendente, seja o florescimento da humanidade seja algum outro valor. Contudo, a espiritualidade rejeita os padrões negativos ou mesmo narcísicos.

Entre os dicionários analisados, que seguem uma abordagem cristã, o “Dicionário Global de Teologia” é uma obra única em sua proposta de considerar os termos arrolados em uma tentativa panorâmica de situar a “reflexão e práxis teológicas em todo o mundo” (Dyrness; Kärkkäinen, 2016, p. vii), considerando os diferentes contextos de produção da teologia cristã e de suas práticas nos continentes. O autor do verbete “Espiritualidade” desse dicionário é Simon Chan, que escreveu uma extensa obra sobre teologia espiritual na perspectiva evangélica, intitulada “*Spiritual Theology: a Systematic Study of the Christian Life*” (1998).

Seguindo a proposta geral da obra, no sentido de possibilitar uma amplitude maior do conceito de espiritualidade, Chan (2016) apresenta as definições religiosas e não religiosas, as especificidades das propostas cristãs orientais e ocidentais, um breve diálogo entre o cristianismo e as outras tradições religiosas. O foco é a tradição religiosa cristã, considerando-se a definição, o processo e os tipos de espiritualidade nessa abordagem. Contudo, a perspectiva nos pareceu mais objetiva e acadêmica, distanciando-se de uma abordagem de cunho mais defensivo ou apologético, ainda que se vise a propagação da fé de algum modo. A abordagem é mais socioantropológica em uma perspectiva de leitura cristã.

A espiritualidade é apresentada, nessa obra, como um conceito que trata de uma “dimensão mais profunda que chega ao ‘espírito’ ou ao verdadeiro eu da pessoa” (Chan, 2016, p. 306, *italico nosso*), como uma vivência e um processo de interiorização de busca pelo transcendente, ainda que se geste histórica e socialmente.

A transcendência na espiritualidade não religiosa é interpretada, em uma perspectiva fenomenológica, como “uma espécie de autocultivo na área do espírito humano ou na dimensão mais profunda da existência humana” (Chan, 2016, p. 306). Esta é exemplificada na prática da meditação transcendental, que se assenta sob o lastro científico e é voltada para a saúde, tendo por base uma “consciência transcendental”. Quanto às espiritualidades da Nova Era, essas “costumam se apresentar como religiosamente neutras”, mas, em sua ótica, podem ser concebidas como religiosas, pois “[...] partem de um ponto de referência transcendente ou em uma plataforma religiosa implícita” (Chan, 2016, p. 306).

Ao considerarmos a leitura que tem sido feita por Smith (2018), é possível compreender que muito do que se apresenta como não religioso pode ser considerado mobilizador de determinados desejos, de ritos, de determinadas liturgias culturais, mesmo que seja exposto como “vida secular” sem vinculação com o tradicionalmente reconhecido como religioso.

Obras de referência em ciências da religião

Nas obras de referência de ciências da religião, encontramos um tratamento em que se prepondera a discussão sobre a espiritualidade não religiosa, sendo três as obras (Usarski, Teixeira, Passos, 2022; Passos; Usarski; 2013; Ribeiro, Aragão, 2020). Todas

essas obras são, também, de publicação recente, como as obras de teologia citadas anteriormente. Vale salientar, ainda, que essas obras são produções coletivas brasileiras.

O “Dicionário de Ciência da Religião” (Usarski, Teixeira, Passos, 2022) tem o verbete “Espiritualidade” escrito por Jorge Revez (Revez, 2022), encontrando-se centrado na espiritualidade não religiosa. O argumento inicial do texto sublinha: “Os processos de secularização que promoveram a emergência de um entendimento plural e com diferentes aplicações científicas” (p. 328). Esses processos de secularização demarcariam novos significados para a espiritualidade, caracterizando-se pelo afastamento das tradições religiosas, tidos como negativos, e, por decorrência, a assunção de perspectivas consideradas mais positivas para o conceito e práticas diversas. Nesse sentido, a definição de espiritualidade é assim colocada:

A espiritualidade tornar-se-ia, assim, uma expressão identitária para um grupo de crentes que pretende uma experiência espiritual direta (através de uma fé pessoal), por contraponto a uma experiência religiosa institucional, organizada e tradicional. O surgimento de crentes que se identificam com a expressão espiritual *but not religious* é sintomático desta dissensão (Revez, 2022, p. 328).

Observa-se, na citação, que a espiritualidade não religiosa é concebida como uma “expressão identitária para um grupo de crentes”, ou seja, uma manifestação identitária de um coletivo, visando “[...] uma experiência espiritual direta (através de uma fé pessoal)” (Revez, 2022, p. 329). Essa dimensão identitária da definição proposta amplia as caracterizações que demarcam espiritualidade apenas pelo sentido individualista.

Revez destaca novas formas de sincretismo, que se fariam presentes não apenas entre as correntes cristãs, mas no seio de práticas denominadas de *New Age*: “na fronteira das diversas heranças espirituais em torno de tópicos como a reencarnação, a astrologia, formas diversas de terapia, recolhendo uma enorme diversidade de sapiências orientais ou afro-americanas” (Revez, 2022, p. 329).

O “Compêndio de Ciência da Religião”, organizado por Passos e Usarski (2013), apresenta um capítulo dedicado à psicologia e espiritualidade, escrito por Clarissa de Franco. A autora destaca as várias relações entre a religião e a espiritualidade, refletindo, também, sobre a espiritualidade não religiosa.

Inicialmente, Franco (2013) considera o iluminismo, que deslocou o foco para a racionalidade humana, na linha do “espírito científico”. Outro marco importante elencado na história é a ascensão de leituras sobre o potencial humano provenientes da psicologia humanista, no contexto pós-guerra, que teve como legado interpretações mais positivas da própria psicologia e da espiritualidade, no sentido de aperfeiçoamento pessoal, tendo como lócus da atividade o sujeito e não mais o transcendente.

Com diferentes graus de força da institucionalização e o desligamento do vínculo institucional, inclusive associado à secularização na história, se foi gestando as distinções entre a espiritualidade, religiosidade e religião. Ainda que, para a autora, “não há como separar totalmente espiritualidade, religião e religiosidade” (Franco, 2013, p. 400). Ela assim define esses três termos:

Religião: rituais, doutrinas, mitos, símbolos, cultos, orações, crença/fé.

Religiosidade vivência e experiência religiosas, inquietação ou senso religioso, campo ou fenômeno religioso, desenvolvimento religioso, adesão e comprometimento religiosos, crença/fé.

Espiritualidade: busca pessoal de sentido, autorrealização, autonomia em relação às instituições, autenticidade, espontaneidade, criatividade, liberdade, mal-estar em relação à materialidade do mundo, crença/fé. (Franco, 2013, p. 401-402).

O que se pode inferir dessa conceituação de espiritualidade, apresentada acima e no artigo como um todo, é que ela abarcaria distintas formas de possibilidade religiosas e não religiosas, mas com uma ênfase maior para estas últimas, posto que o lócus da atividade estaria no sujeito, ao ressaltar características que são mais presentes na discussão da psicologia e na sua agência.

Finalmente, o “Dicionário do Pluralismo Religioso” (Ribeiro, Aragão, 2020) é o que apresenta uma discussão específica sobre o tema em tela, visto que traz o verbete “Espiritualidade não religiosa”. Por outro lado, apesar de ser um dicionário sobre o pluralismo religioso, o termo “espiritualidade” não é considerado de um modo geral, o que se supunha ser uma necessidade pela natureza da obra, ainda que se recorra a uma discussão conceitual muito mais específica sobre a espiritualidade não religiosa.

O verbete é de autoria de Flávio Senra, que é um reconhecido pesquisador na área. Nesse sentido, apresenta uma especificidade muito maior do que os tratamentos analíticos anteriores. A categoria de “pessoas sem religião” é, em primeira ordem, detectada pelos censos populacionais. Em algumas regiões do Brasil, a quantidade relativa de “pessoas sem religião” é quase o dobro da média nacional, tendo por referência o Censo de 2010 (IBGE). Contudo, essa categoria é preponderantemente marcada por pessoas que creem em Deus, com perfil teísta, mas sem vínculos religiosos institucionais. O que caracteriza esse conjunto de pessoas é o descontentamento e a desafeição para com os textos, os dogmas, as doutrinas, as práticas regidas pelas instituições religiosas, o que resulta nos processos de desfiliação. Contudo, esses processos são complexos, de tal modo que ainda são marcados pela impregnação e vestígios da cultura religiosa.

Definição. Por espiritualidade não religiosa entende-se, pois, consideradas as pessoas que se afirmam sem religião ou não afiliadas, em perspectiva teísta, o âmbito da crença em Deus que se desenvolve à margem das instituições religiosas ou desligadas de seu antigo pertencimento a instituições religiosas. O termo não se aplica a outros contextos, tendo em vista que a própria noção de espiritualidade nem se confunde com os processos de institucionalização das crenças nem se limita a elas. O elemento da ruptura institucional, com manutenção da crença, em perspectiva teísta, deve ser claramente identificado para que seja possível reconhecer uma espiritualidade não religiosa. Para outros contextos e situações, bastará identificar o termo espiritualidade. Em tático, linhas gerais, uma espiritualidade não religiosa é aquela motivada por sujeitos crentes que rompem com a lógica de submissão às doutrinas, ao aparato sacerdotal ou correspondente, à vida comunitária e à sua organização burocrático-institucional. (Senra, 2022, p. 73).

O pesquisador Flávio Senra tem se inspirado na e destacado, em várias de suas obras, a contraposição do princípio da submissão em relação ao princípio da liberdade e a dinâmica das sociedades pré-industriais em relação às pós-industriais, na linha desenvolvida por Marià Corbi (2010). Particularmente, consideramos que esse tipo de análise tem os seus limites, podendo se tornar genérica e gerar um escalonamento

do ponto de vista histórico e social, não apreendendo as várias nuances possíveis que se encontram entrecruzadas nas dinâmicas da religiosidade contemporânea brasileira, inclusive na confluência de temporalidades e de práticas de espiritualidade. Por um outro lado, Senra (2022) tem sido protagonista no desenvolvimento dos estudos sobre a espiritualidade não religiosa em vários âmbitos da pesquisa em filosofia e em ciências das religiões, sendo o único autor que trata especificamente sobre o conceito em tela.

Considerações provisórias

Ao longo deste artigo, consideramos que houve uma evolução na conceituação da espiritualidade nas obras de referência terminológica nas duas últimas décadas, tendo por base um conceito mais abrangente que englobaria as matrizes religiosas e não religiosas. A noção da dimensão não religiosa se expandiu no campo acadêmico, vindo a ser incorporada em dicionários mais recentes de teologia e de ciências da religião.

Nas obras de teologia analisadas, são preponderantes os aspectos normativos, de crescimento na vida de piedade pessoal e comunitária, a partir da perspectiva cristã. Nas obras de Ciências da Religião prepondera a leitura do fenômeno pelo viés do não religioso, tendo por base as disciplinas de psicologia, de sociologia e de história da religião.

Em todos os dicionários analisadas, na segunda etapa da seleção da amostra, observamos um viés positivo da espiritualidade que se atém ao transcendente, ainda que este seja uma metáfora de Deus, de uma divindade ou mesmo da superação do si mesmo para uma dimensão mais ampla da vida.

O estudo das obras de referência aqui delineados pode ser um contributo para futuras pesquisas nesse mesmo sentido que possa dar continuidade o que aqui esboçamos, sobretudo na perspectiva terminológica.

Referências

As obras com asterisco são as que contém a noção ou o conceito de “espiritualidade não religiosa”).

AMATUZZI, Mauro Martins (Org.). *Psicologia e Espiritualidade*. São Paulo: Paulus, 2005.

ANCILLI, Ermanno. *Dicionário de Espiritualidade: v. 2*. São Paulo: Paulinas; Loyola, 2012.

ANDRADE, Claudionor Corrêa de. *Dicionário Teológico*. Rio de Janeiro: CPAD, 2022.

ANGERAMI-CAMON, Valdemar Augusto (Org.). *Espiritualidade e Prática Clínica*. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.

ARAÚJO, Israel de. Dicionário do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2007.

BAPTISTA, Paulo Agostinho N. Dossiê: espiritualidades não religiosas. Horizonte, v. 12, n. 35, Belo Horizonte, p. 650-653, 2014. Disponível em: <http://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/P.2175-5841.2014v12n35p658>. Acesso em fev. de 2023.

BARROS, José D’Assunção de. Os Conceitos: seus usos nas ciências Humanas. Petrópolis: Vozes, 2016.

BORRIELO, L.; GENIO, M. R. del.; SUFFI, N. Dicionário de Mística. São Paulo: Loyola, 2003.

BORTOLLETO FILHO, Fernando. Dicionário Brasileiro de Teologia. São Paulo: ASTE, 2008.

BOURDIEU, Pierre. Coisas Ditas. São Paulo: Brasiliense, 2004.

BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.

CHAN, Simon. Espiritualidade. In: DYRNESS, A. William; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti (Edit. Gerais). Dicionário global de teologia. São Paulo: Hagnos, 2016. (Edição do Kindle).

CHAN, Simon. Spiritual Theology: a systematic study of the christian life. Madison: Intervarsity Press, 2008.

CORBÍ, Marià. Para uma espiritualidade leiga: sem crenças, sem religiões, sem deuses. São Paulo: Paulus, 2010.

DYRANESS William A.; KÄRKKÄINEN, Veli-Matti. (Edit. Gerais) Dicionário global de teologia*. São Paulo: Hagnos, 2016. (Edição do Kindle).

ELWEELL, Walter A. Enciclopédia Histórico-teológica Cristã. São Paulo: Vida Nova, 2009.

ERICKSON Millard J. Dicionário Popular de Teologia. São Paulo: Mundo Cristão, 2011.

FLORISTÁN, Casiano. Espiritualidade. In: TAMAYO, Juan José. (Org.) Novo Dicionário da Bíblia. São Paulo: Paulus, 2009, pp. 183- 189.

FRANCO, Clarissa de. Psicologia e espiritualidade. In: PASSOS, João Décio. USARSKI, Frank. (Orgs.) Compêndio de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas; Paulus, 2021, pp. 399- 410.

GIL, Antonio Carlos. Projetos de Pesquisa. São Paulo: Atlas, 1995.

GOSMANN, Elisabete. Dicionário de Teologia Feminista. Petrópolis: Vozes, 1997.

- GRENZ, Stranley J.; GUTERETZKI, David; NORDLING, Cherity Fee. Dicionário de Teologia. São Paulo: Vida, 2013.
- HADOT, Pierre. Ejercicios espirituales y Filosofía Antigua. Madrid: Siruela, 2003.
- HADOT, Pierre. La filosofía como forma de vida. Barcelona: Alpha Decay, 2009.
- HAWTHORNE, Gerald F.; MARTIN, Ralph P.; REID, Daniel G. Dicionário de Paulo e suas cartas. São Paulo: Vida Nova, Paulus, Loyola, 2008.
- KOSELLECK, Reinhart. Uma história dos conceitos: problemas teóricos e práticos. Estudos Históricos, v. 5, n. 10, Rio de Janeiro, p. 134-146, 1992.
- LACOSTE, Jean-Yves. Dicionário Crítico de Teologia. São Paulo: Loyola, Paulinas, 2014.
- LOSSKY, Nicholas et al. Dicionário do Movimento Ecumênico. Petrópolis: Vozes, 2005.
- NAVARRO, Juan Bosh. Dicionário de Ecumenismo. Aparecida: Santuário, 2002.
- PACOMIO, L. Lexicon: Dicionário teológico enciclopédico. São Paulo: Loyola, 2003.
- PASSOS, João Décio; USARSKI, Fran. Compêndio de Ciência da Religião* São Paulo: Paulinas e Paulus, 2021
- PESSIANI, Leo. Espiritualidade e arte de cuidar: o sentido da fé para a saúde. São Paulo: Paulinas, 2010.
- PONDÉ, Luiz Felipe. Espiritualidade para corajosos: a busca do sentido no mundo de hoje. 2 ed. São Paulo: Planeta do Brasil, 2008.
- REVEZ, Jorge. Espiritualidade. In: USARSKI, Frank.; TEIXEIRA, Alfredo.; PASSOS, João Décio. Dicionário de Ciência da Religião. São Paulo: Paulinas; Loyola, Paulus, 2022, pp. 328-330.
- RIBEIRO, Cláudio de Oliveira; ARAGÃO, Gilbraz; PANASIEWICZ, Robertley Dicionário do Pluralismo Religioso*. São Paulo: Recriar, 2020.
- RODRIGUES, Angel Aparício; CASAS, Juan Canal. Dicionário Teológico da Vida Consagrada. São Paulo: Paulus, 1994.
- SAMANES, Casiano Floristan.; TAMAYO-ACOSTA, Juan José. Dicionário de Conceitos Fundamentais do Cristianismo. São Paulo: Paulus, 1999.
- SCHNEIDERS, Sandra M. Christian Spirituality: Definition, Methods and Types. In: Shelquadre, Philip. (Ed.). New SCM Dictionary of Christian Spirituality. London: SCM Press, 2013.
- SCORGIE, Glen G. et al. Dictionary of Christian spirituality*. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2011.

SCORGIE, Glen G. Overview of Christian Spirituality. In: SCORGIE, Glen G. et. al. Dictionary of Christian spirituality. Grand Rapids: Zondervan Academic, 2011. (Edição do Kindle).

SCORGIE, Glen G. Dictionary of Christian Spirituality* Grand Rapids: Zondervan, 2011.

SENRA, Flávio; RITZ, Cláudia; ECCO, Clóvis; CLORDOVIL, Daniela. Novos Movimentos Religiosos e Espiritualidades Laicas. Caminhos, v. 20, n, 3, Goiania, p. 309-315, 2022. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/12845> Acesso em: março de 2023.

SENRA, Flávio. Espiritualidade não religiosa. In: RIBEIRO, Cláudio de Oliveira.; ARAGÃO, Gilbraz.; PANASIEWICZ, Roberlei. (Org.) Dicionário do Pluralismo Religioso. São Paulo: Recriar, 2020, pp. 71-77.

SHELQUADRE, Philip. New SCM Dictionary of Christian Spirituality*. London: SCM Press, 2013.

SMITH, James K. A. Desejando o Reino: culto, cosmovisão e formação cultural. São Paulo: Vida Nova, 2018.

TAMAYO, Juan José. Novo Dicionário de Teologia* São Paulo: Paulus, 2009.

TORRALBA, Francisc. Inteligência Espiritual. 2 ed. São Paulo: Vozes, 2013.

USARSKI, Frank; TEIXEIRA, Alfredo; PASSOS João Décio. Dicionário de Ciência da Religião*. São Paulo: Loyola e Paulus, 2022.

Recebido em: 30/06/2023

Aprovado em: 18/11/2023

Editor responsável: Fábio L. Stern